#2 uma memória descritiva

Rita Amado
Outubro 2018

amado.g.rita@gmail.com
+351 969182400

Aos meus pais e avós,
pelo apoio, a partilha, a paciência e por fomentarem em mim a vontade de querer fazer sempre mais e melhor.

Ao professor Vitor,
pelas conversas que tivemos ao longo dos anos, por me fazer questionar as *não questões* e chegar a conclusões.

Ao professor Miguel,
pela oportunidade desta experiência única e de acreditar sempre que o *low stress* é possível.

À professora Bárbara Coutinho,
por ser sempre uma referência e por todo o apoio ao longo deste percurso.

Ao Fouto, ao Camarinha, ao Gil e à Ana,
companheiros das vitórias e derrotas que a Arquitectura nos traz e por se transformarem, comigo, em especialistas de maquetes de gesso.

À Catarina,
por acreditar em mim e dar força quando preciso.

Ao NucleAR,
por ser a minha base na descoberta da arquitectura.

À Rita,
por ser a minha *escola do porto*.

À Frederica,
cúmplice dos projectos, aventuras e pequenas alegrias da vida.

Ao Manuel,
pelo apoio, partilha e por ser o meu maior impulsionador.

O meu obrigada.

"O inferno está cheio de boas intenções arquitectónicas e é preciso transformar as boas intenções em razões operacionais"

Eduardo Souto de Moura in *"Conferência de Abertura Casa da Arquitectura"*

A presente memória descritiva é relativa ao exercício proposto em Projecto Final 2, com o objectivo de intervir e transformar numa unidade hoteleira o edifício da Autoridade Marítima Portuária, situado no Mindelo, ilha de São Vicente.

A conservação e a reabilitação de património são o cerne de um debate com crescente relevância nos dias de hoje e para que estas acções tenham sucesso é necessário ressignificar os elementos arquitectónicos pré-existentes.

Através da análise e compreensão do valor arquitectónico do edificado, reconhece-se o potencial espacial e tomam-se decisões sobre a matéria pré-existente — conservando, repetindo ou adaptando — afim de criar uma continuidade histórica e de estabelecer uma consciência de relevância deste na cidade.

O projecto parte da formulação de duas questões: que significado e que impacto terá um hotel no Mindelo e como reabilitar e dotar de novas funções um edifício que estabelece a entrada do movimento moderno na ilha caboverdiana.

o antes

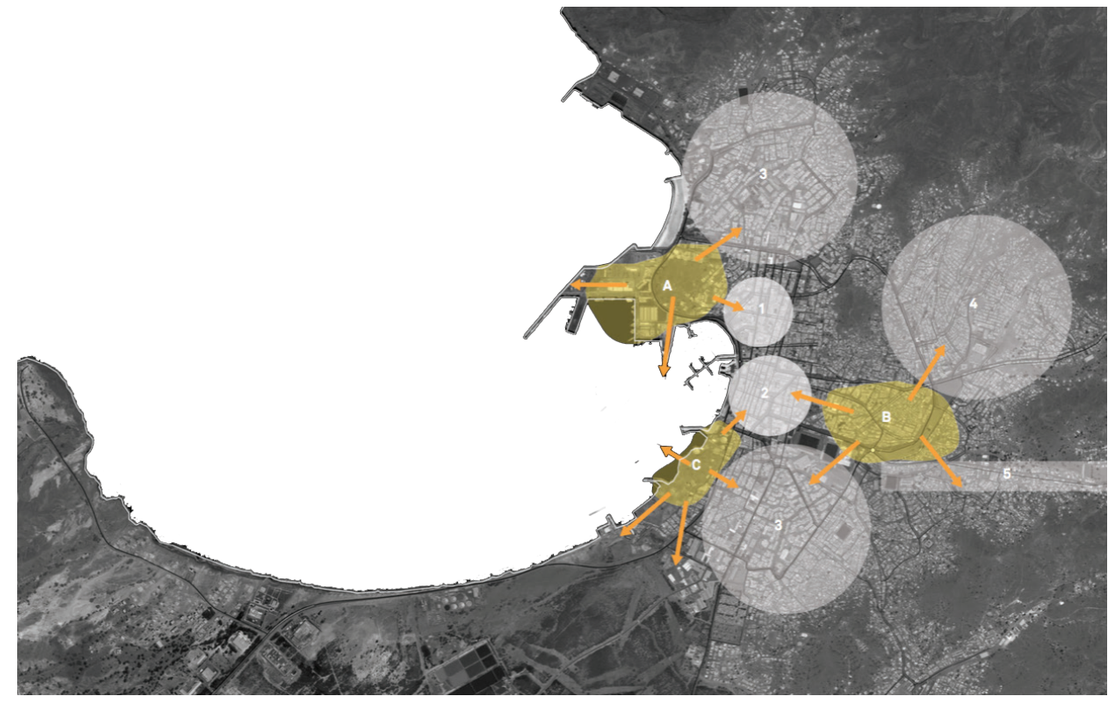
com Ana Filipa Santos e Marta Lopes

É importante mencionar que esta proposta foi desenvolvida tendo já um *background* — o projecto realizado no semestre anterior debruçou-se sobre o estudo da cidade do Mindelo e a proposta de um espaço público nesta. Este partiu da análise da cidade à distância — sem a conhecer — tendo um ponto focal na cultura.

A análise de funções permitiu perceber e identificar uma rede cultural da cidade que, consequentemente, reconheceu os vários núcleos da cidade do Mindelo — dois centrais (histórico [1] e turístico [2]) que alimentam dois núcleos satélite justapostos [3] (mais dispersos), outro disperso no interior da cidade [4] e um núcleo linear [5] que se desenvolveu em torno da linha de água e da via que segue para a baía das gatas. Estes núcleos encontram-se directamente ligados às desconexões da rede cultural — área do fortim d'el rey e da Autoridade Maritima Portuária; área da retenção pluvial e área da ENACOL —, dando mais ênfase à sua problemática.

A área de intervenção — Edifício da Autoridade Marítima e Portuária — insere-se no mesmo núcleo que o fortim d'el rey, indiciando a desconexão com a cultura e o tecido da cidade.

centro histórico _ 01
centro turístico_ 02
núcleos satélite_ 03
núcleo disperso_ 04
núcleo linear_ 05
fortim d'el rey + área de intervenção _ A
retenção pluvial _ B
enacol _ C



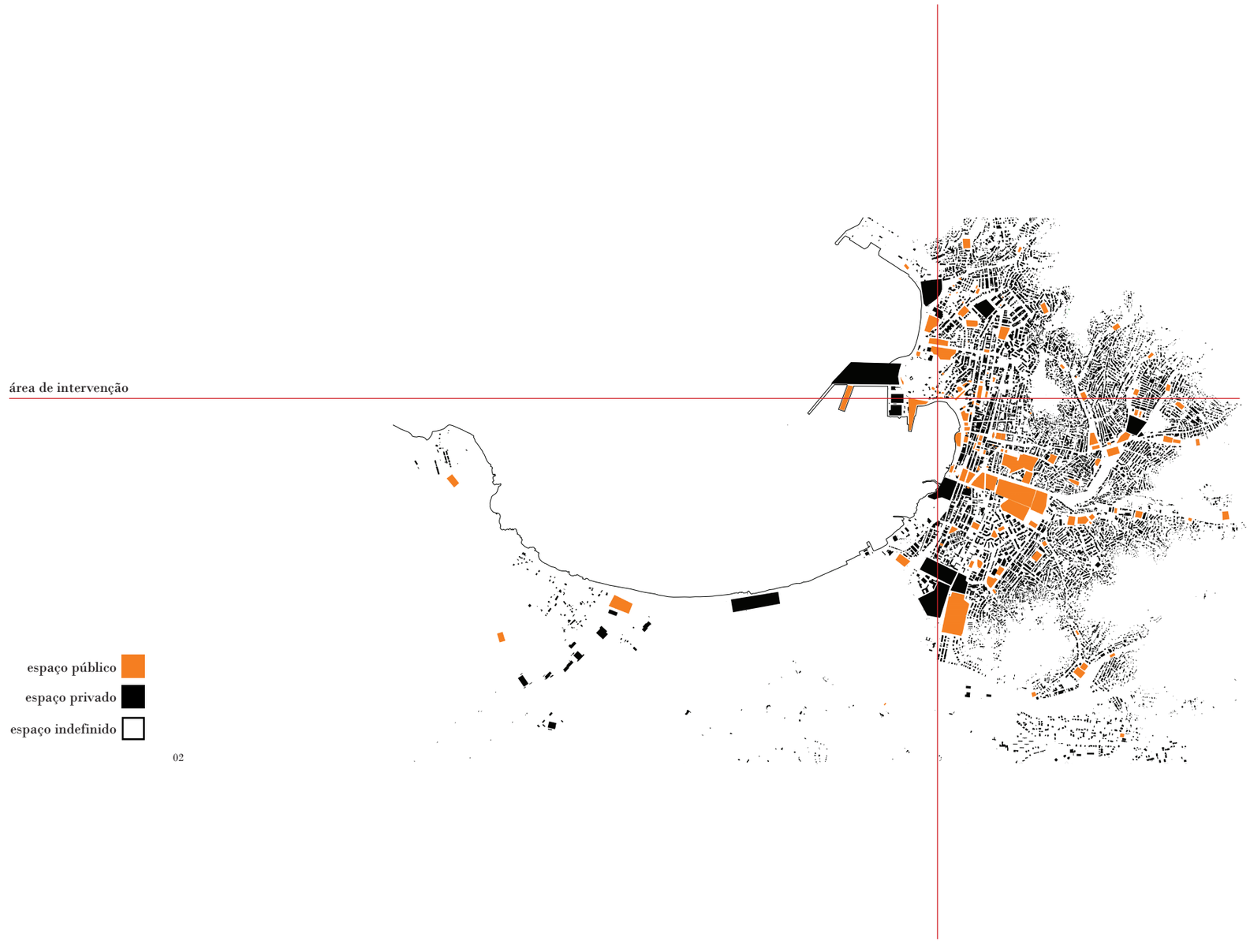
01

o lugar

Situada em São Vicente, Cabo Verde, a cidade do Mindelo é o único núcleo urbano da ilha, com uma história como colónia portuguesa e território de eleição para a expansão comercial. Tem, assim, um carácter ligado ao mar, ao comércio mas também é uma cidade com fortes ligações às artes — artesanato, música, pintura e teatro.

A cultura da música, das artes plásticas e do bem acolher tem uma prepoderância significativa no que toca à ocupação da cidade. A cidade reparte-se, assim, em três tipos de espaço: o público, que representa todas as construções de carácter social — hospitais, praças, comércio —; o privado — indústrias e habitação — e o e indefinido — que não contém qualquer infraestrutura que possibilite a conversão para um espaço quer público quer privado. Esta definição tornou-se crucial para a quantificação e qualificação dos espaços da cidade.

Para os cidadãos do Mindelo, o espaço público pode ser um lugar mais qualificado do que o espaço privado, pois as suas habitações são de construção rudimentar e em muitas zonas da cidade não têm as condições básicas. As praças, as ruas e os intersticíos das casas tornam-se o espaço de estar, conviver, partilhar e habitar. A ideia de habitar, aqui, toma uma importância diferente — não se trata apenas no habitar da casa mas também no criar hábitos no espaço público pois, afinal, este é o lugar de todos e de cada um.



02

o pré-existente

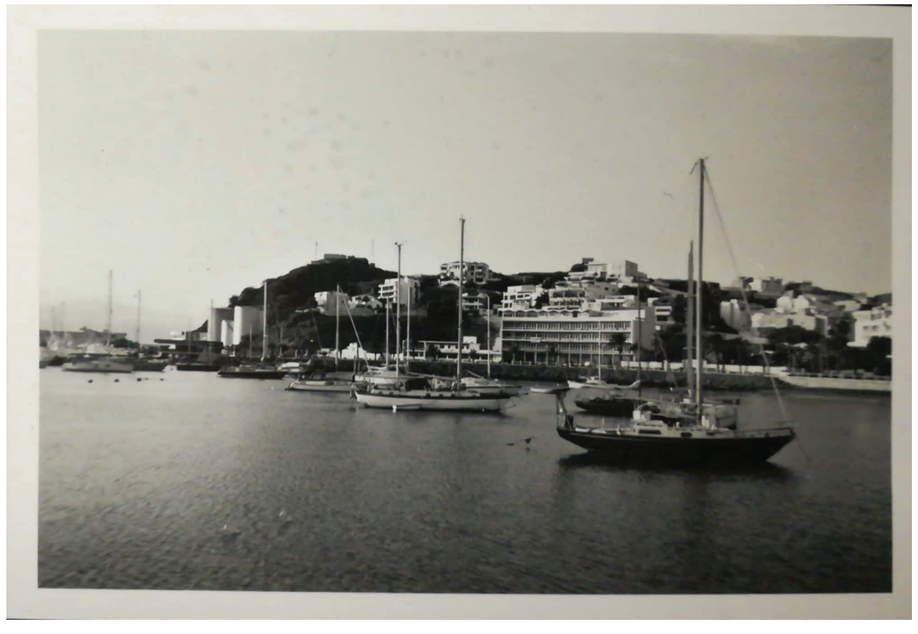
"O sítio é caracterizado pela presença do edifício que assinala a entrada da cultura arquitectónica moderna no Mindelo — o Comando Naval de São Vicente. O projecto foi lançado pelo Ministério da Marinha Portuguesa, em 1962, e desenhado pelo arquitecto António Saragga Seabra, juntamente com o engenheiro Graciano Cohen.

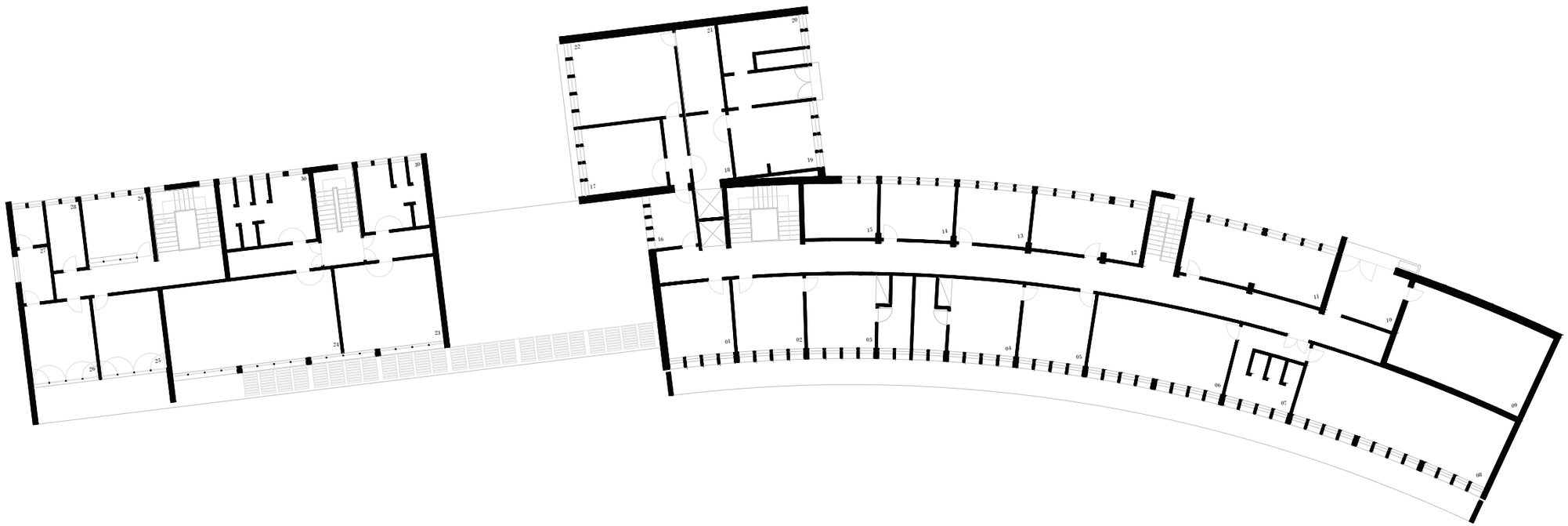
A implantação do edifício, em sintonia com o plano urbano de Maria Emília Caria, segue a topografia do terreno e acompanha, com suavidade, a linha curva da avenida marginal. É composto por cinco pisos e o programa é, essencialmente, constituído por gabinetes destinados a funções administrativas. O piso térreo simula a galeria recuada coberta através de pilotis, com uma fachada revestida a pedra basáltica — relação com o lugar. Os três pisos superiores são demarcados pela presença de um ritmo horizontal, introduzido pelo uso de brise-soleils que garantem ensombreamento. A cobertura simula, igualmente, um terraço-jardim através de uma pérgola ondulante, em betão, que cobre o andar recuado e marca uma assimetria formal da fachada.

A intenção inicial baseia-se na criação de um conjunto composto por dois edifícios — acrescentando um anexo contíguo, de menor cércea — unificados pela malha ritmática de pilares de 4 em 4m."

Ana Vaz Milheiro

03





04

sargento de dia | 01
oficiais de serviço | 02
quarto de oficiais de serviço | 03
dormitório sargentos | 04
estar sargentos | 05
estar praças | 06
sanitário de praças | 07
dormitório de praças | 08
conferências de comboio | 09
vestíbulo | 10
fotografia | 11
arrumações | 12
central telefónica | 13
primeiros socorros | 14
escutaria | 15
lavabos | 16
refeitório sargento | 17
copa | 18
cozinha | 19
dispensa | 20
paramenta | 21
refeitório praças | 22
dormitório polícias | 23
dormitório pilotos | 24
adjunto | 25
capitão do porto | 26
vestiário | 27
arrumação | 28
espera | 29
instalações sanitárias | 30

o programa

A viagem é o propósito, tanto quando se procura uma experiência cultural como quando apenas se quer desfrutar de um lugar agradável. O desenvolvimento da actividade hoteleira tem um ponto de viragem nos tempos modernos — com transportes cada vez mais acessíveis e a difusão da viagem como desfruto pessoal.

A construção de equipamentos hoteleiros para a resposta a esta procura teve um crescimento desmesurado e sem planeamento para um futuro sustentável nas cidades em que se instalam. Os resorts — a estadia de luxo — implantam-se com facilidade em locais de interesse turístico balnear, como é o caso das ilhas cabo-verdianas — ilha do Sal e Santiago.
Esta forma de ocupação turística é desprovida de uma ligação com o local, e conseguintemente, de um contacto com os residentes.

Interessou perceber que abordagem seria pertinente para que um programa hoteleiro não fosse imposto de uma forma desconexa e sem uma reflexão das necessidades da cidade do Mindelo. Assim, ao perceber a influência das Artes e do Artesanato na vida da população, o projecto desenvolve-se a partir de três tempos de estada: o quarto — de estadia curta, para desfrutar do que a cidade oferece; o atelier — de estadia média-longa ou permanente com o propósito de desenvolver trabalho artístico e por fim, a residência — um espaço que funciona como refúgio e conjuga o trabalhar e o descansar.

Para apoiar a implantação destas tipologias, o programa estende-se com a adição de uma galeria, oficinas, um *teatro-auditório* e espaço residente do MindelAct, assim como, os serviços complementares a estes associados.

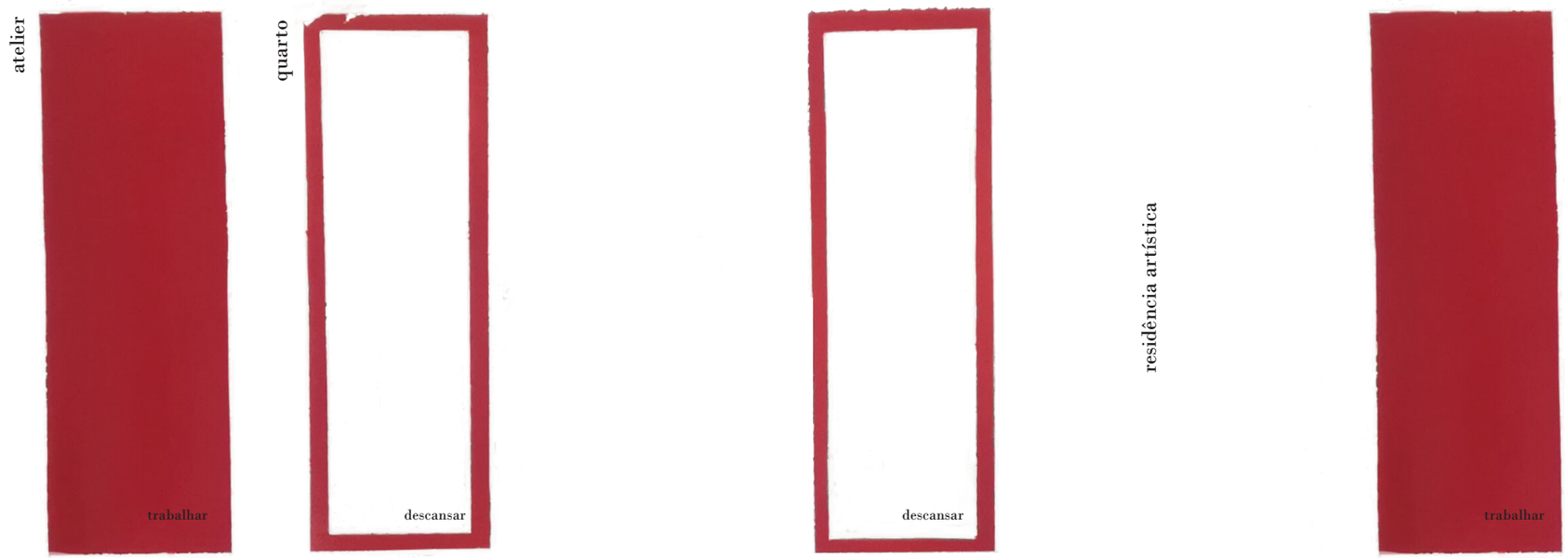
A área de intervenção, ao ser um pedaço de cidade delimitado pela natureza — terreno e mar — e desconexo do tecido urbano, permitiu recorrer às ideias bases de fazer cidade — rua, praça e quarteirão — para responder ao programa definido.

O edifício da Autoridade Marítima Portuária, por ser um objecto que se vira para o mar, o espaço público é o que resta da sua implantação e não uma parte integrante, o que faz com que qualquer intervenção realizada no edifício não possar virar costas ao seu *espaço sobrante.*

O coser do objecto com a cidade torna-se preponderante, tanto na programática como no seu desenho.

05

06


atelier
trabalhar
quarto
descansar
descansar
residência artística
trabalhar

o projecto

Ao recorrer às ideias primeiras da construção de cidade, interessou investigar o tema dos limites. Qual o limite da intervenção e a influência desta no tecido da cidade. Demolui-se os muros que fecham o terreno, juntamente com armazéns e anexos que impossibilitavam a construção de cidade, para implantar volumes que permitam criar uma nova estrutura de espaço público associada à estrutura existente — definindo ruas tensas ou espaços de alargamento.

Na estrutura existente, interessou trabalhá-la de modo a que a regra pudesse construir um diálogo de cheio | vazio e público | privado.

No espaço público, confinado pela implantação dos novos volumes e o existente, interessou o trabalhar um muro que servisse de contenção e de pano de fundo das vivências públicas.

Traça-se uma linha-limite — o muro — que define o quarteirão e que alimenta tanto o espaço público como o privado.

demolição
ampliação
reabilitação

07

o muro

"Um muro em senso comum, é um conjunto

de pedras em altura.

Os muros ao longo da História serviram para:

Defender | muralhas

Proteger | diques

Abrigar | Abóbadas

Transportar | aquedutos

Conter | de suporte

Significar | pirâmides ou arcos de triunfo

Demarcar | vizinhança

Decorar | volutas

Suportar | Schinkel

Evocar | Mies

Ver por | casa da mãe do Corbusier

Serem vistos | Vila Adriana

Receber | esculturas do Parthenon

Subir descer | escadas

Ventilar | Chaminés do Palladio

Passar | pontes

Os muros são quase toda a história da Arquitectura.

Hoje é impossível usá-los (desenhá-los) na sua plena função (estática).

Os muros hoje são aquilo que não podem ser,

por isso são revestimentos, peles, texturas:

- com 10/12cm apoiados contra uma outra parede estrutural;

- com 3/4 cm suspensos por grampos de inox de uma outra parede que a aguente;

- com 1/2 mm revestindo favos hexagonais de nylon;

Os muros hoje são excertos de peles, matéria necessária a qualquer operação plástica. Os muros hoje estão a desaparecer, são uma espécie mineral em vias de extinção. Devemos estudá-los, classificá-los, tratá-los para os devolver de novo à sua geografia. Hoje é fácil defender o verde em extinção, porque foi desenhado por Deus.

Os muros não podem cair, nem ser demolidos (nem o de Berlim), pois são a nossa <casa>."

Eduardo Souto de Moura in "Gramáticas de Pedra. Levantamento de Tipologias de Construção Murária"

a cor

A cidade do Mindelo manifesta uma tonalidade seca que contrasta com o cenário azul — o mar.
A cor com uma espessura mínima, tem o máximo desempenho e aparece no edificado público ou de carácter nobre. O uso de cor indicia o carácter público da intervenção.

O amarelo demarca o limite, conforma a praça, entra dentro dos volumes e faz um plano de parede que dá vida aos ateliers.

O vermelho faz os vãos e as portas, delimitando o espaço público e iniciando o privado.

09

volume um (reabilitação)

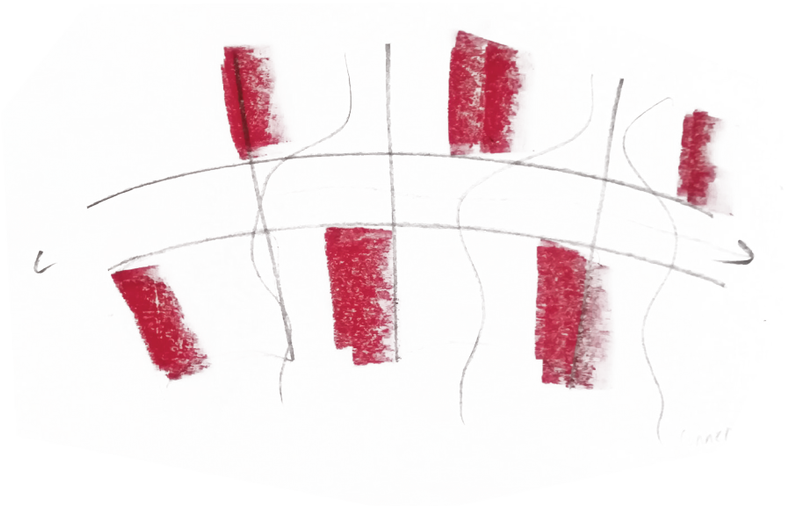
"Mas, porque o espaço é contínuo e porque o tempo é uma das suas dimensões, o espaço é, igualmente, irreversível (...), um espaço organizado nunca pode vir a ser o que já foi (...) Quando, por exemplo, ao restaurar um monumento com critério <científico> (ou pseudo-científico) passa pela cabeça de alguém dar a tal monumento o aspecto que ele teve em época mais ou menos passada, caí-se na utopia de supor que aquilo que já foi pode de novo vir a ser, esquecendo-se que a irreversibilidade do espaço não permite tal hipótese."

Fernando Távora *in "Da Organização do Espaço"*

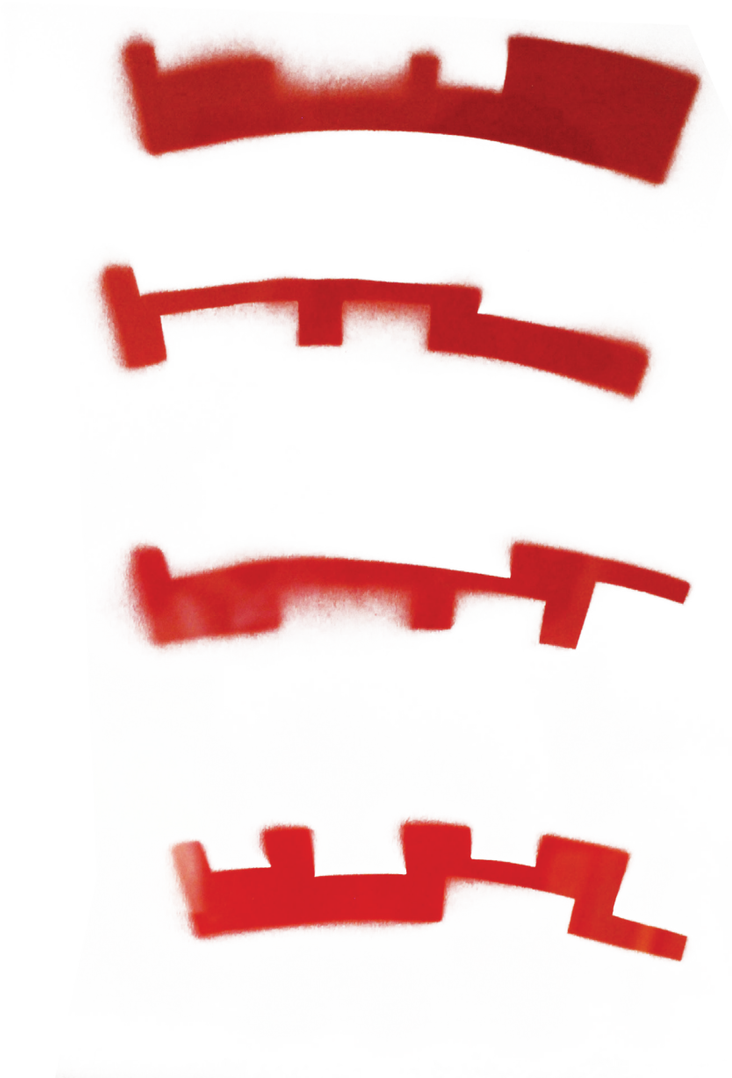
A reabilitação do volume um propõe potenciar relações interior | exterior e público | privado. Por este apresentar uma estrutura de pilar-viga, muito fechada, interessou mantê-la e perceber como esta poderia originar a implantação de volumes — que correspondessem à métrica — com um carácter de objectos autónomos. Estes objectos por contemplarem dimensões diversas desenham um espaço de circulação que acarreta a possibilidade do espaço privado se expandir para este, invertendo o longo *corredor* de distribuição.

Para além do desconstruir do corredor nos pisos superiores, importou desenhar ligações a nível do piso térreo através do perfurar do embasamento do edifício, tirando partido do sistema porticado em betão armado existente.

10



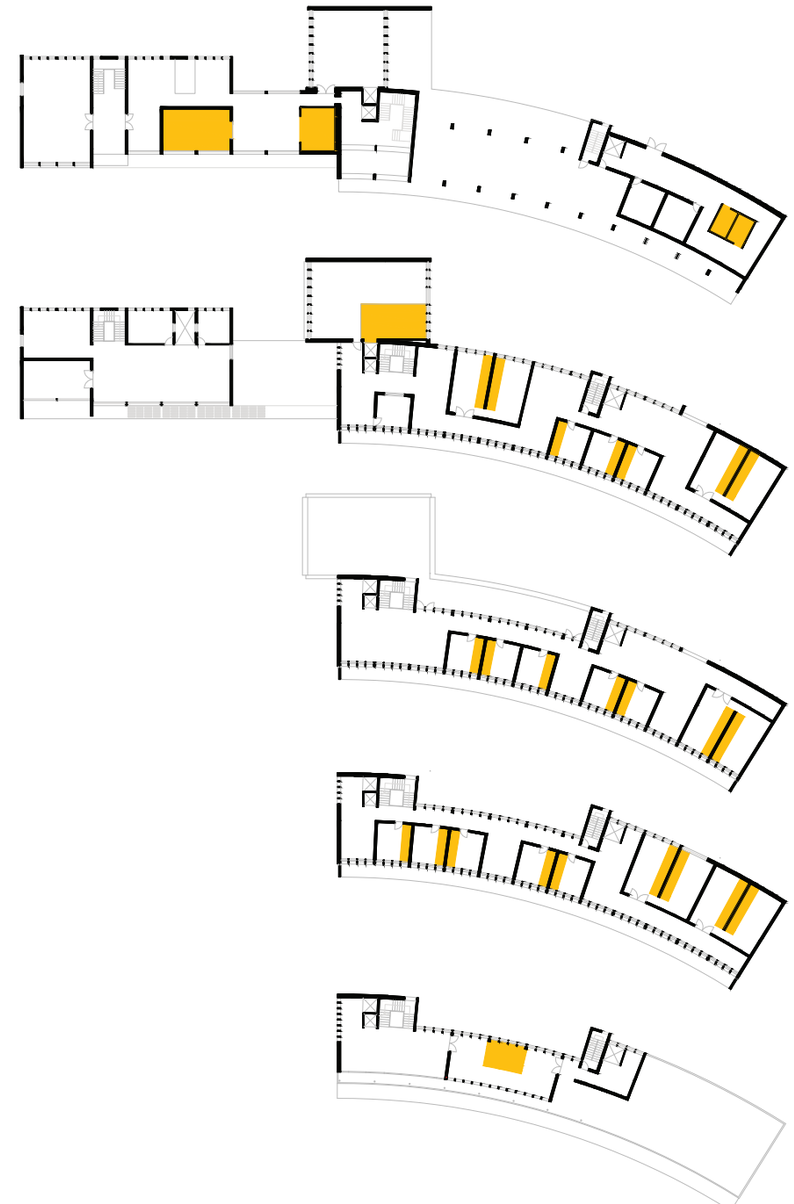
11



espaço público

núcleos servidores

12



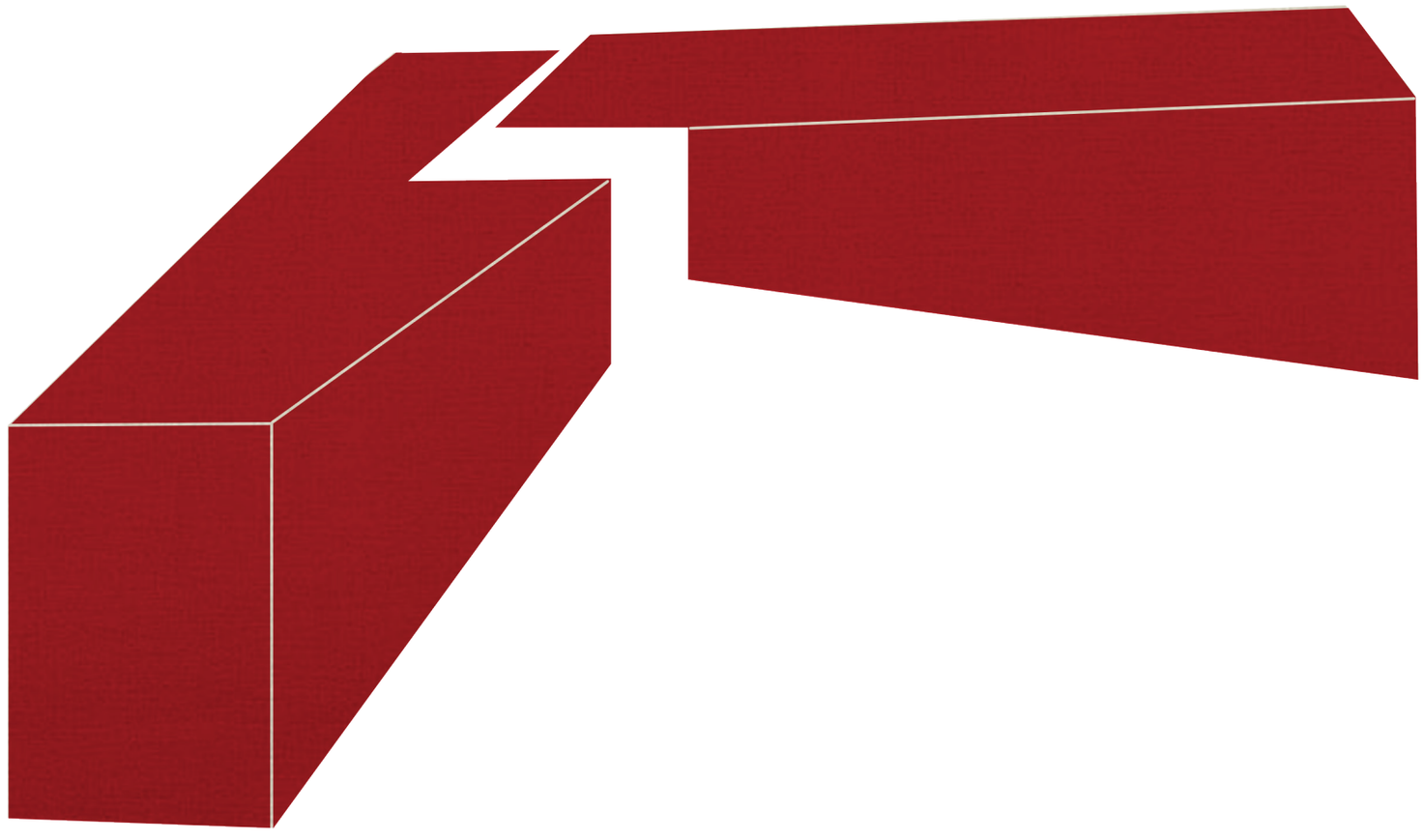
volume dois e três (ampliação)

Se na reabilitação interessou tirar partido da estrutura existente para criar uma relação mais intima e fluída com o espaço público, no novo edificado importou definir, claramente, um limite entre o *interior de quarteirão*, a marginal e o terreno.

O volume dois desloca-se do limite do lote, define a frente de rua e alberga um único espaço — oficinas e *workshops*. Este agarra-se ao volume três — a partir de um espaço de entrada comum, uma antecamara — que vive contra um muro que faz a contenção de terra e acolhe ateliers. Os ateliers têm a particulariedade de partilharem um espaço único — sendo apenas divididos por cortinas — para possibilitar a extensão de ateliers ou ateliers partilhados.

A apropriação do espaço público — praça — é um factor importante na relação com os volumes. Os seus vãos a nível térreo saltam e invadem a praça. Um vão que é um banco. Os vãos, assim, são desenhados em função das acções sentar e escrever/trabalhar. Consequentemente, a fachada é desenhada pelas actividades que são desenvolvidas no interior do volume. Estes vãos invertem a composição utilizada nas casas coloniais — a cor aparece na moldura dos vãos e não no plano de fachada — e ganham uma tridimensionalidade que permite a criação do banco ou da secretária.

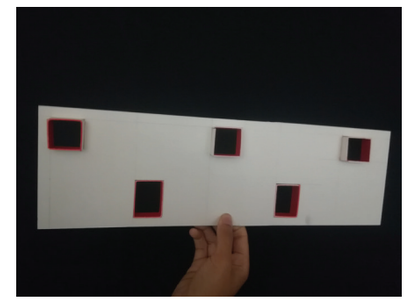
13

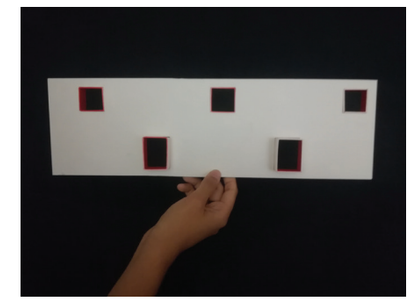


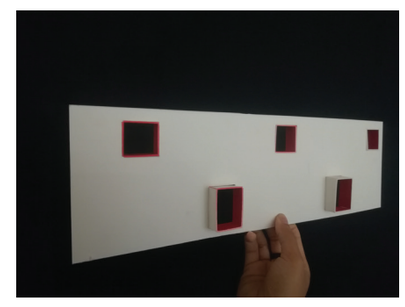
15

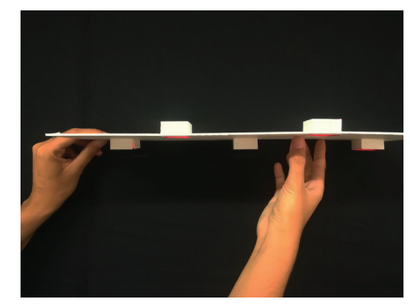
16

17



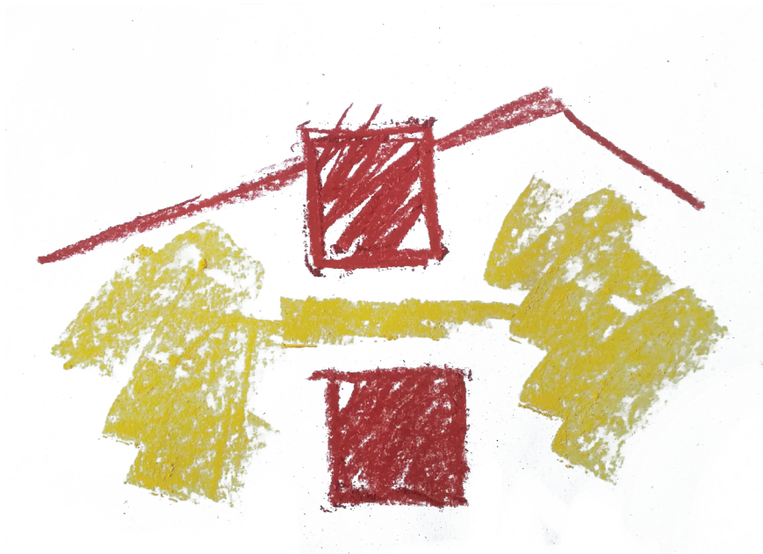




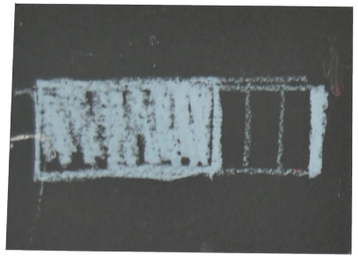


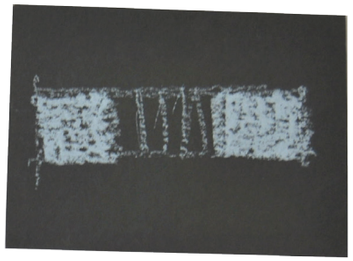
volume quatro (ampliação)

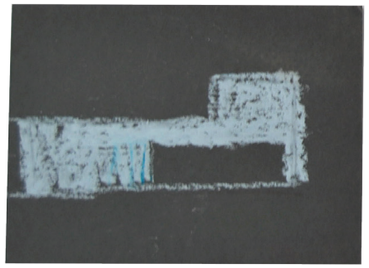
O volume quatro, por ser central, conforma duas praças e apresenta o programa mais público de todo o complexo — um auditório-teatro e um café/restaurante. Enquanto nos volumes dos ateliers, o espaço privado invade o público — um vão que é um banco — neste é o espaço público que invade o privado — dois portões se abrem e fazem com que o palco do auditório-teatro extenda. Assim,

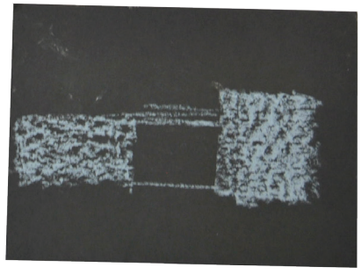


19





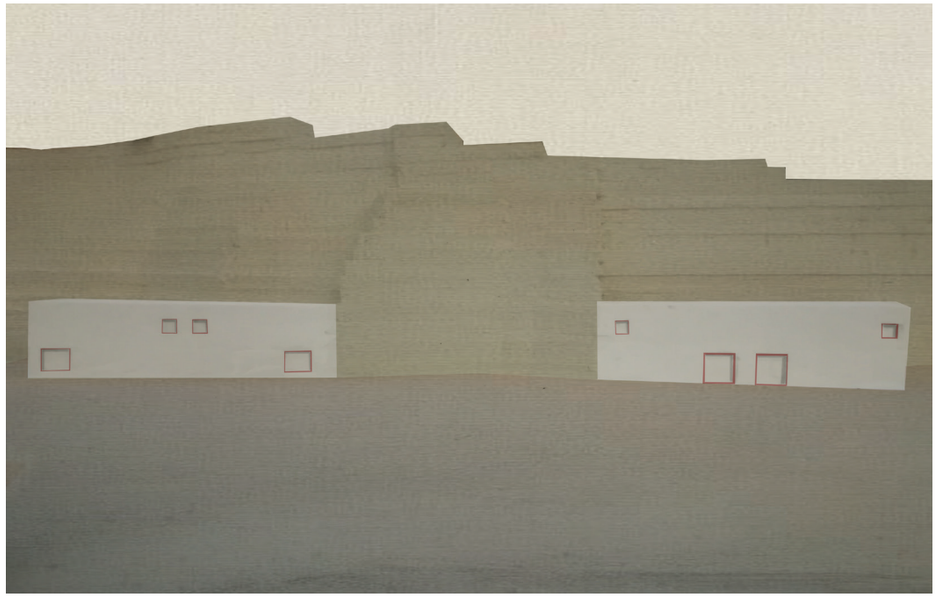




20

volume cinco e seis (ampliação)

Os volumes cinco e seis encostam-se aos taludes — natureza artificial — e criam tensão com estes e a pré-existência edificada. São ateliers duplos que permitem a relação de dois elementos. Partem da mesma lógica dos ateliers no volume três mas são formalizados em espaços diferentes.



21

A criação de um espaço para produção artística é um mote para o desenvolvimento das Artes no Mindelo — numa tentativa de reforçar esta característica local — mas também se torna uma crítica ao programa de hotel, à exploração turística, à desmedida das coisas e ao facilitismo de envolver a arquitectura no "ganhar dinheiro". Antes de tudo, a arquitectura é um serviço público. Não pode deixar de o ser. Quando deixa de ser um serviço público, passa a ser um negócio, onde só interessa o lucro. O arquitecto é, antes de tudo mais, um servidor da população.

A arquitectura desenha a base das vivências. Desenha-se um muro para limitar, mas este muro pode ser transponível, deixar de ser limitado — saltar o muro. E então, aí, é o ocupante, o usufruidor do espaço, quem dita a sua espacialidade e vivência. Essas podem ser brutalmente alteradas com as suas acções no espaço.

(Tenho uma caixa. Dentro dessa caixa existem outras caixas. Estas caixas foram desenhadas, na sua simplicidade, para responder às acções: dormir, lavar, comer e trabalhar. Quase sistematicamente, resume-se a vida de um ser humano. Mas este determina a vivência do espaço. Porque cada um se mexe de maneira diferente e com as suas acções, o espaço altera. Então, posso comer na cama, trabalhar no espaço de comer e dormir no banho.)

"A vontade de compreender o mundo por completo, de abranger as suas razões era também causa de agitação que resultava da consciência das dificuldades de uma tarefa destinada a incompletude. O Homem era confrontado pela frustração"

Diogo Seixas Lopes in *"Melancolia e Arquitectura em Aldo Rossi"*

todas as imagens são da própria autoria

01. identificação núcleos da cidade

02. identificação da área de intervenção

03. foto analógica do edifício existente

04. planta de piso um do edifício existente

05. esquema da estratégia geral

06. esquema das estadas

07. planta-esquema dos espaços a reabilitar, a demolir e a ampliar

08. esquema da tipologia murária

09. mapa de cores

10. esquema de estratégia na pré-existência

11. esquema de definição do espaço público interior

12. planta-esquema dos núcleos de serviço na reabilitação

13. esquema da estratégia nos volumes dois e três

14. desenho entrada dos volumes dois e três

15. colagem ateliers

16. colagem vãos

17. estudo dos vãos

18. esquema de estratégia do volume quatro

19. estudos do volume quatro

20. colagem praça e volume quatro

21. colagem volume cinco e seis

22. fotos do processo da maquete final